

ELEMENTOS DA CULTURA DIGITAL PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: O QUE DIZEM AS PESQUISAS?

*Madalena da Silva*¹

 <http://orcid.org/0000-0002-8886-2822>

*Joel Cezar Bonin*²

 <https://orcid.org/0000-0003-0437-7609>

*Ramón Garrote*³

 <https://orcid.org/0000-0002-3971-9894>

Resumo: A cultura digital refere-se às práticas, hábitos e valores que emergem da interação humana com as tecnologias digitais, como a internet, as redes sociais, os aplicativos móveis, entre outros. No currículo da educação básica, é necessário trabalhar elementos da Cultura Digital para que os estudantes possam exercer a cidadania digital de forma crítica e reflexiva. Com isso, questiona-se: quais são os elementos da cultura digital que contribuem para a reflexão e criticidade dos estudantes no ensino da Filosofia do ensino médio? O objetivo consiste em evidenciar os recursos da cultura digital que contribuem para a reflexão e criticidade dos estudantes no ensino da Filosofia no ensino médio. A metodologia é de abordagem qualitativa do tipo bibliográfica. Como resultados, observou-se, nas pesquisas já existentes, que os recursos digitais adotados nas práticas pedagógicas contribuem para o ensino de Filosofia e que a depender do recurso utilizado, eles permitem: ilustrar conceitos e teorias filosóficas de modo concreto; estimular a reflexão filosófica e crítica; desenvolver habilidades críticas; estimular o debate; compartilhar ideias e opiniões sobre temas filosóficos; democratizar o acesso a conteúdos filosóficos ilustrativos, representativos e interativos; oferecer perspectivas diversas de acordo com o contexto e intencionalidades pedagógicas.

Palavras-chave: Filosofia; Cultura digital; Ensino Médio; Tecnologias digitais.



¹Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004). Bacharel em Informática pela Universidade do Planalto Catarinense (2002). Professora na Universidade do Planalto Catarinense no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação (PPGE), no curso de Pedagogia e no curso de Sistemas de Informação. E-mail: madalena.pereiradasilva@gmail.com.

²Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2020). Mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2008) e graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1997). Professor do SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial-SC), e da UNIARP (Universidade Alto Vale do Rio do Peixe). E-mail: joel@uniarp.edu.br.

³ Professor sênior e pesquisador na Universidade de Borås, Suécia, na aplicação pedagógica das TIC no Ensino Superior. Pesquisa o uso interativo de Software Educacional no ensino superior. E-mail: ramon.garrote@hb.se.

ELEMENTS OF DIGITAL CULTURE FOR TEACHING PHILOSOPHY IN HIGH SCHOOL: WHAT DOES THE RESEARCH SAY?

Abstract: Digital culture refers to the practices, habits, and values that emerge from people's interactions with digital technologies, such as the Internet, social networks, and mobile apps, among others. In the curriculum of basic education, it is necessary to work with elements of Digital Culture so that students can exercise digital citizenship in a critical and reflective way. However, research indicates that teachers, many of them digital immigrants, do not have appropriate resources from the Digital Culture to teach their classes while students, digital natives, observe the idiosyncratic logic and dynamics of school with their reality and notice a great mismatch. Based on this context, the question is: what are the elements of digital culture that contribute to the reflection and criticality of students in the teaching of Philosophy in high school? The aim of this text is to highlight the resources of digital culture that contribute to the reflection and criticality of students in the teaching of Philosophy in high school. The methodology is a qualitative bibliographic approach. As a result, it was observed, in existing research, that the digital resources adopted in pedagogical practices contribute to the teaching of Philosophy and that, depending on the resource used, they allow: illustrating philosophical concepts and theories in a concrete way; stimulate philosophical and critical reflection; develop critical skills; stimulate debate; share ideas and opinions on philosophical topics; democratize access to illustrative, representative and interactive philosophical content; offer different perspectives according to the context and pedagogical intentions.

Keywords: Philosophy; Digital Culture; High School; Digital Technologies.

ELEMENTOS DE LA CULTURA DIGITAL PARA LA ENSEÑANZA DE FILOSOFÍA EN LA ESCUELA SECUNDARIA: ¿QUÉ DICEN LAS INVESTIGACIONES?

Resumen: La cultura digital se refiere a las prácticas, hábitos y valores que surgen de la interacción de las personas con las tecnologías digitales, como la internet, las redes sociales, los aplicativos móviles, entre otros. En el plan de estudios de la educación básica, es necesario trabajar elementos de la Cultura Digital para que los estudiantes puedan ejercer la ciudadanía digital de manera crítica y reflexiva. Sin embargo, las investigaciones muestran que los profesores, muchos de ellos inmigrantes digitales, no se apropian de recursos provenientes de la Cultura Digital para ministraren sus clases mientras los estudiantes, nativos digitales, observan la lógica y la dinámica escolar idiosincrática con su realidad y notan un gran descompaso. Con base en ese contexto, se cuestiona: ¿cuáles elementos de la cultura digital contribuyen para la reflexión y criticidad de los estudiantes en la enseñanza de Filosofía en la escuela secundaria? El objetivo de este texto es evidenciar los recursos de la cultura digital que contribuyen para la reflexión y criticidad de los estudiantes en la enseñanza de Filosofía en la escuela secundaria. La metodología es de abordaje cualitativa de la tipología bibliográfica. Como resultado, se observó, en investigaciones existentes, que los recursos digitales adoptados en las prácticas pedagógicas contribuyen a la enseñanza de la Filosofía y que, dependiendo del recurso utilizado, permiten: ilustrar conceptos y teorías filosóficas de forma concreta; estimular la reflexión filosófica y crítica; desarrollar habilidades críticas; estimular el debate; compartir ideas y opiniones sobre temas filosóficos; democratizar el acceso a contenidos filosóficos ilustrativos, representativos e interactivos; ofrecen diferentes perspectivas según el contexto y las intenciones pedagógicas.

Palabras clave: Filosofía; Cultura digital; Escuela Secundaria; Tecnologías.

Introdução

O ensino da Filosofia se tornou obrigatório no Ensino Médio do Brasil a partir de 2008, com a lei 11.684/08 que acresce um inciso ao artigo 36 da LDB - nº. 9.394/96 (Brasil, 2008). Tal reinserção foi realizada após um longo período de exclusão, que data desde o período da Ditadura Militar em nosso país. Muitos professores e profissionais das Ciências Humanas aplaudiram tal feito. Nessa perspectiva histórica "[...] extrai-se uma lição das consequências de se dispensar a filosofia da Educação Básica e Científica no cenário nacional e se observa como tal dispensa ao longo das décadas do século XX se refletiu até nossos dias no século XXI" (Azevedo *et al.*, 2020, p. 1).

Após este longo hiato, o mundo contemporâneo é bem diverso daquele do fim da Ditadura Militar. Passados quase quarenta anos, a percepção sobre o mundo mudou drasticamente e a aceitação da Filosofia no universo escolar ainda não é um ponto pacífico. O grande questionamento que paira sobre o corpo discente e docente, em linhas gerais, flerta com a problemática de tornar atraente uma disciplina que, pelo senso comum, é avaliada como complexa, abstrata e intelectualizada demais.

Como área do conhecimento humano, a Filosofia tem sido considerada ultimamente como conhecimento obsoleto e desnecessário e isso se explica, muitas vezes, porque no mundo contemporâneo, vemos que há uma supervalorização do tecnicismo e do pragmatismo, que consideram apenas válido o conhecimento que tem caráter útil. Contudo, a Filosofia se mostra presente em muitos momentos e situações da vida atual, principalmente nos locais que as pessoas, a priori, considerariam impensáveis. Músicas, filmes e séries de TV são nichos de problematizações e conteúdos filosóficos, pois, justamente através desses meios, podemos considerar que reflexões filosóficas se apresentam com outra roupagem, de modo não utilitarista e mais lúdico.

As pesquisas apontam que o ensino da Filosofia, especialmente no Ensino Médio, tem sido desafiador para a maioria dos professores que lecionam a disciplina (Sousa, 2017). Os professores percebem as dificuldades atuais em garantir audiência, atenção e participação de adolescentes nas atividades. Já os estudantes, cujo comportamento está mais ligado às mídias digitais, observam a lógica e a dinâmica escolar idiossincrática com a sua realidade.

Dentre os desafios (Moura Filho, 2018; Rozin, 2017; Sousa, 2017), observam-se que: (i) há o desinteresse dos estudantes, pois, muitos estudantes do ensino médio não veem a Filosofia como uma disciplina relevante para suas vidas e, por isso, podem ter

dificuldades para se engajar com os conteúdos e para participar das discussões em sala de aula; (ii) em alguns casos, há preconceitos em relação à Filosofia, como a ideia de que ela é uma disciplina abstrata e sem utilidade prática, o que pode afastar os estudantes da disciplina; (iii) dificuldade de compreensão dos conceitos filosóficos, especialmente aqueles que são mais complexos e abstratos, o que pode prejudicar a aprendizagem.

Para enfrentar essas dificuldades e desafios, é necessário criar estratégias para engajar os estudantes com a disciplina e, para tornar os conteúdos mais acessíveis e compreensíveis. Para o autor, Sousa (2017, p. 75), “uma das primeiras estratégias para esse problema é fazer com que o estudante se sinta participante do processo educativo”, logo, o professor tem o compromisso de buscar estratégias para que eles se sintam mais motivados.

Um modo de responder a este dilema, pode ser dado pela ideia do afeto. Afeto como sentimento, mas também como afecção, ou seja, esse afeto não significa apenas um sentimento de compaixão ou de carinho pelo outro, pois no sentido filosófico, a palavra afeto significa também aquilo que me toca, que me atinge, de alguma forma. Assim, esse afeto se torna também afecção, pois é preciso entender, de fato, o quanto os adolescentes podem ser atingidos pelo saber da Filosofia por um viés mais lúdico.

Tal reflexão, unida à constatação de uma distância cada vez maior entre os conhecimentos disponibilizados pela educação formal e suas funções sociais, nos remete à dificuldade de transformar as ações educativas em experiências com sentido e significado. Nas palavras de Bondía, “[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (Bondía, 2002, p. 21). Por sua vez, Walter Benjamin, aprofunda este paradoxo ao afirmar categoricamente que “[...] é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (Benjamin, 1985, p. 198).

Não é demais enfatizar que os professores orientam suas práticas pedagógicas, com base em um currículo. Para Lima, Zanlorenzi e Pinheiro (2012, p. 22): “o currículo [...] define o que, como e para que os conteúdos são trabalhados nos diferentes níveis de ensino”, mas os estudantes precisam compreendê-los, pois do contrário não haverá reflexão e postura crítica diante do que é posto e sim uma mera transmissão de conteúdo.

Os professores têm consciência que os currículos devem ser construídos considerando a realidade dos estudantes. Lima, Zanlorenzi e Pinheiro (2012, p. 94)

pontuam que o currículo deve ser pautado e “elaborado a partir da preocupação com a formação e identidade dos indivíduos e de acordo com os significados sobre a realidade expressa nos discursos desses indivíduos”. Os autores destacam que a realidade não pode ser concebida sem levar em consideração a significação que a mesma tem para os indivíduos aos quais o currículo se destina.

No que concerne à educação básica, atualmente, o currículo exige que a Cultura Digital seja trabalhada ao longo da educação básica (Brasil, 2017). Portanto, defende-se que os elementos da cultura digital, podem ser usados como ferramentas pedagógicas para o engajamento dos estudantes no ensino da Filosofia, para promover reflexão e criticidade mediado por Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC's). Entretanto, destacamos que não se trata de usá-las de forma acrítica, mas como potencializadoras do ato de filosofar. Aliás, Charlot (2008, p.18) traz reflexões “do excesso do discurso à pobreza das práticas” presentes na sociedade contemporânea.

Com base nesse contexto, questiona-se: quais são os elementos da cultura digital que contribuem para a reflexão e criticidade dos estudantes no ensino da Filosofia no Ensino Médio? O objetivo deste texto é evidenciar os recursos da cultura digital e como eles contribuem para a reflexão e criticidade dos estudantes no ensino da Filosofia no ensino médio.

A metodologia é de abordagem qualitativa do tipo bibliográfica, pois se apropria de pesquisas já existentes para compreender quais são e de que forma os recursos digitais são usados no ensino da Filosofia para despertar a reflexão e criticidade dos estudantes. O texto está estruturado em seções. A primeira seção apresentou a introdução, o tema, o problema e os objetivos da pesquisa. A segunda seção é dedicada para delimitar o percurso metodológico. A terceira seção se compromete em apresentar a fundamentação teórica e resultados da pesquisa. E, por fim, na quarta seção são elucidadas as considerações finais.

Metodologia

A pesquisa é de abordagem qualitativa (Goldenberg, 2004) e do tipo bibliográfica, pois se apropria de pesquisas já existentes para compreender quais são e de que forma os recursos digitais são usados no ensino da filosofia para despertar a reflexão e a criticidade dos estudantes.

Para Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base na literatura produzida relacionada ao tema em estudo, fazendo uso de fontes secundárias.

Neste texto, a revisão de literatura é do tipo narrativa, pois as leituras dos textos aconteceram de forma gradual, sem sistematização rígida para busca de fontes de dados. Nesse processo de compreensão, diferentes fontes de dados foram usadas, mas não de forma exaustiva, assim como não foi adotado um protocolo sistemático de busca, exceto para conhecer quais são as teses e dissertações existentes que utilizam TDIC no ensino de Filosofia do ensino médio (apresentada neste artigo na seção intitulada “Ensinar e aprender Filosofia com os elementos da Cultura Digital: o que dizem as pesquisas?”)

Para conhecer o que dizem as pesquisas quanto ao uso dos elementos da Cultura Digital nas aulas de Filosofia do Ensino Médio, realizou-se duas buscas no catálogo de teses e dissertações da Capes, combinado as seguintes palavras-chave: "Tecnologias digitais", "Filosofia" e "Ensino médio" (primeira busca) e "Cultura Digital", "Filosofia" e "Ensino médio" (segunda busca). Como resultados das buscas foram retornados onze registros (oito da primeira busca, três da segunda busca), sendo duas teses e onze dissertações. Quatro dissertações não puderam ser analisadas, pois as defesas aconteceram antes da existência da Plataforma sucupira e uma dissertação não estava disponível, pois a publicação não foi autorizada. Destaca-se que nas buscas não foram utilizados filtros, nem recorte temporal, pois a pretensão era maximizar os achados.

A fundamentação teórica subsidiou a construção da revisão narrativa e, nesse processo, com base na subjetividade dos autores, diferentes aportes compuseram o corpus da pesquisa, possibilitando identificar quais os recursos provenientes da cultura digital são usados para promover a reflexão e criticidade no ensino de Filosofia.

Filosofia no Ensino Médio: desafios e possibilidades de aprender e ensinar

Desafios da Filosofia no Ensino Médio: um breve relato

A tarefa de ensinar sempre foi algo desafiador para todos os professores das mais diversas áreas do conhecimento. Porém, ensinar Filosofia é uma tarefa que pode ser considerada mais onerosa ainda, tendo em vista a dificuldade de traduzir aos estudantes a importância e a reflexão do conhecimento filosófico. Alguns estudos têm demonstrado os desafios do ensino da Filosofia no ensino médio (Moura Filho, 2018; Sousa, 2017; Rozin, 2017).

Assim, atualmente, o desafio de transmitir às novas gerações o patrimônio cultural da humanidade que envolve a Filosofia é fruto de debates e polêmicas nos mais diferentes âmbitos sociais: cultura, política, economia, dentre outros.

Um dos pontos que nos parece fundamental destacar, de chofre, é o de que a Filosofia se tornou componente curricular obrigatório para o Ensino Médio desde o ano de 2006, embora a lei tenha sido sancionada apenas em 2008 (Brasil, 2008), porém, mesmo após mais de 16 anos de sua implantação, a Filosofia não parece ser um ramo do conhecimento que desperta grande interesse dos jovens. Talvez porque a Filosofia, grosso modo, trata de ideias e pensadores que viveram há muitos anos atrás ou talvez pelo fato de ser um ramo do conhecimento profundamente marcado pela leitura e pelo debate, muitas vezes, abstrato.

Outrossim, é importante destacar que nos últimos anos, movimentos sociais contrários à sua presença na estrutura curricular, eclodiram vertiginosamente, tais como “Escola sem Partido”. Tais movimentos alegam que os professores de Filosofia são “esquerdopatas”, “doutrinadores” e tentam impor uma nova “ditadura”. Tais professores são acusados e rotulados como defensores de um novo comunismo marxista. Porém, até o momento, tais assertivas se mostram como tentativas de encapsular o papel sobremaneira contundente e questionador que a Filosofia pode, se bem compreendida e ensinada, gerar nos estudantes do Ensino Médio. Tais movimentos creem que o estudante do Ensino Médio seria incapaz (termo jurídico que denota a menoridade etária dos estudantes desta etapa de ensino) de avaliar e decidir autonomamente o que é verdadeiro e o que é falso. Não obstante, ainda há as acusações de que os professores de Filosofia, com base nas ideias anteriores, são profissionais que fariam “lavagem cerebral” em seus estudantes, submetendo-os à indução de verdades absolutas e inabaláveis.

Diante desse quadro, a afirmação de que os adolescentes do Ensino Médio “não gostam de pensar” é uma temeridade, pois o ato de pensar é atávico, pois mesmo quando não desejamos pensar, pensamos. O problema maior reside no aspecto de que é preciso “pensar o pensamento”, problematizar o que se pensa, isto é, ir além de um pensamento raso e banal e aprofundar o que se pensa, passando por uma reflexão mais séria sobre o mundo. E, é justamente nesse ponto, que vemos o difícil exercício de analisar o mundo como algo não-óbvio e não-evidente.

Um autor que coaduna com nossas ponderações iniciais é William Irwin, um filósofo americano e professor universitário, conhecido por seu trabalho em filosofia popular, filosofia da cultura popular e filosofia aplicada. Ele é autor de vários livros, incluindo “Seinfeld e Filosofia”, “Os Simpsons e a Filosofia”, “Matrix e a Filosofia” e “Batman e a Filosofia”, nos quais ele explora as ideias filosóficas subjacentes a essas obras culturais

populares. Além de seu trabalho em filosofia popular, Irwin também é um defensor do ensino de filosofia no Ensino Médio e Fundamental. Ele argumenta que a filosofia pode ajudar os jovens a desenvolver habilidades críticas de pensamento e a lidar com questões complexas e controversas. Para o filósofo, o ensino da Filosofia deve acontecer bem cedo, tanto que é co-editor da série de livros "Filosofia para Crianças", que apresenta conceitos filosóficos para crianças em idade escolar.

Destaca-se que William Irwin, inclui livros que analisam a filosofia por trás de temas populares, como filmes, séries de TV, quadrinhos e jogos⁴. Além disso, o autor é um defensor do uso da cultura digital, tecnologia de informação e comunicação e cinema no ensino de filosofia. Ele argumenta que essas ferramentas podem ajudar a tornar a filosofia mais acessível e interessante para os estudantes, além de fornecer novas formas de engajar conceitos filosóficos com o mundo cotidiano.

Em resumo, William Irwin é um defensor de uma abordagem interdisciplinar para o ensino de filosofia, que incorpora elementos da cultura popular e tecnologia de informação e comunicação para tornar a filosofia mais acessível e relevante para os estudantes.

Ensinar e aprender filosofia com os elementos da Cultura Digital

O ensino de filosofia é fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico, da reflexão ética e da compreensão da complexidade do mundo. A filosofia pode ajudar os estudantes a pensar de forma autônoma, a questionar seus preconceitos e a compreender as diferentes perspectivas sobre os problemas da vida. E, para dinamizar essas possibilidades, há pesquisas que recorrem aos recursos digitais provenientes da cultura digital, por isso é importante conhecer a base epistêmica que sustenta tal conceito.

A cultura digital é um conceito que se refere ao conjunto de práticas, valores, comportamentos e representações que emergem da interação das pessoas com as tecnologias digitais. Essas tecnologias incluem a internet, os dispositivos móveis, as redes sociais, os jogos eletrônicos, dentre outros.

⁴ O livro mais conhecido dele nesse sentido é "Os Simpsons e a Filosofia: O D'oh! de Homer", que explora a filosofia por trás da popular série de TV Os Simpsons. Esse livro faz parte de uma série de livros chamada "Pop Culture and Philosophy" (Cultura Pop e Filosofia), que inclui volumes sobre Star Wars, Batman, Game of Thrones e outros temas populares. Além disso, Irwin também escreveu livros como "Free to Be Human: Intellectual Self-Defence in an Age of Illusions", que aborda a cultura digital e a tecnologia da informação e comunicação, e "The Matrix and Philosophy: Welcome to the Desert of the Real", que explora as ideias filosóficas do filme Matrix. Em todos esses livros, Irwin usa temas populares e a cultura digital para ilustrar conceitos filosóficos e tornar a filosofia mais acessível e atraente para um público mais amplo.

O termo "cultura digital" não foi cunhado por um filósofo específico, mas sim por uma série de pesquisadores e teóricos que se dedicam ao estudo das psicologias sociais, culturais e políticas da tecnologia digital. Na literatura, há outros autores citados, contudo, por delimitação de escopo, optou-se por apresentar apenas alguns filósofos e teóricos contemporâneos para o desenvolvimento do conceito de cultura digital. Cada um deles traz uma perspectiva única sobre o tema, e juntos eles ajudam a compreender as múltiplas dimensões desse fenômeno complexo e em constante transformação. Dentre os principais pensadores que contribuíram para o desenvolvimento do conceito de cultura digital, podemos citar:

Pierre Lévy (1999, 2000, 2010, 2011), filósofo francês, é considerado um dos pioneiros nos estudos sobre a cibercultura, que é uma vertente da cultura digital. Lévy (1999, p. 17) define a cibercultura como "o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço".

Manuel Castells, sociólogo espanhol, é conhecido por seus estudos sobre a sociedade em rede, que é uma das formas de organização social que emergem da cultura digital. Castells define sociedade em rede como "uma estrutura social que se baseia em redes operacionais de comunicação, que se superpõem e se interconectam, em vez de em hierarquias verticais" (Castells, 1999, p. 469).

Michel Serres, filósofo francês aborda a cultura digital a partir da ideia de que estamos vivendo uma revolução tecnológica que se equipara à Revolução Industrial do século XIX. Serres enfatiza que a cultura digital está envolvida profundamente nas relações entre as pessoas e a natureza, e que isso implica em novas formas de conhecimento, poder e liberdade (Serres, 2008).

Lévy (1999), filósofo e teórico da informação, tem como uma de suas principais contribuições o estudo da cultura digital, cibercultura e inteligência coletiva. Para o autor, a cibercultura é definida como uma cultura que emerge a partir das redes de computadores e das tecnologias digitais; é uma nova forma de cultura que se caracteriza pela conectividade, interatividade, mobilidade e ubiquidade fornecidas pelas tecnologias digitais. E, nesse contexto, surge a inteligência coletiva, um conceito que descreve a capacidade de grupos e comunidades de indivíduos de compartilhar conhecimento e trabalhar juntos de forma colaborativa para atingir objetivos comuns. Segundo ele, as

tecnologias digitais têm o potencial de ampliar e aprimorar essa capacidade de inteligência coletiva.

Lévy (1999) também argumenta que a cultura digital e a cibercultura são interativas não apenas como formas de comunicação e interação social, mas também como formas de produção e disseminação do conhecimento. Para ele, as tecnologias digitais estão criando novas possibilidades para a produção colaborativa de conhecimento e para a criação de novas formas de conhecimento.

Por outro lado, o autor francês alerta quanto aos desafios que a cultura digital apresenta, como a necessidade de lidar com a grande quantidade de informações disponíveis na internet, a questão da privacidade e da segurança, e os desafios éticos relacionados ao uso das tecnologias digitais (Lévy, 1999).

Nesse contexto, Manuel Castells (2007), sociólogo e teórico da comunicação que tem como uma de suas principais contribuições o estudo das transformações sociais, culturais e políticas decorrentes da revolução digital, enfatiza em seu livro "A Sociedade em Rede", o impacto das novas tecnologias digitais na informação e na comunicação. De acordo com ele, a cultura digital é um dos elementos centrais da sociedade em rede, que se caracteriza pela conectividade e pela disseminação da informação em larga escala; é um fenômeno complexo, que envolve tanto aspectos técnicos e psicológicos quanto sociais e culturais.

Castells (2007) argumenta que as novas tecnologias digitais têm o potencial de transformar profundamente a forma como a informação e a comunicação são produzidas, disseminadas e consumidas. Ele destaca o papel das redes de computadores e da internet na criação de uma nova forma de comunicação em rede, que permite a conexão em tempo real entre indivíduos e organizações em todo o mundo.

Além disso, Castells (2007) também aborda a emergência de novas tecnologias digitais, como a inteligência artificial e a realidade virtual, que têm o potencial de transformar ainda mais a forma como as pessoas interagem com a informação e com o mundo ao nosso redor.

Por seu turno, Serres, em seu livro "A Incerteza" (2008) discute os impactos da tecnologia digital na sociedade contemporânea. O autor argumenta que a revolução tecnológica, que é marcada pela disseminação das tecnologias digitais, está profundamente envolvida na forma como vivemos e nos relacionamos com o mundo. Ele destaca a importância da conectividade fornecida pelas tecnologias digitais, que permite a interação em tempo real entre indivíduos e organizações em todo o mundo.

Serres (2008) também aborda a emergência de novas formas de conhecimento e de produção cultural na era digital. Ele destaca a importância da multiplicidade de fontes de informação e da facilidade de acesso a elas na internet, que tem permitido a emergência de novas formas de produção e disseminação cultural. No entanto, Serres (2008) também destaca alguns dos desafios e tensões que a revolução tecnológica apresenta, tais como a questão da privacidade, a possibilidade de manipulação da informação e os riscos de exclusão digital.

Em resumo, Michel Serres é um filósofo que abordou a cultura digital e a revolução tecnológica em algumas de suas obras, destacando os efeitos transformadores dessas mudanças na sociedade contemporânea e os desafios e choques que elas apresentam.

Os autores aqui selecionados nos mostraram que o papel da Filosofia e também da Sociologia são fundamentais para se pensar os impactos tanto benéficos quanto deletérios do uso das tecnologias na vida contemporânea. O papel filosófico destes autores não se reduz à demonização ou à uma ode para com as tecnologias mas em tornar a compreensão tecnológica algo necessário na convivência humana, pois o uso irracional destes meios pode gerar mais escravização e controle do que emancipação e empoderamento.

Ensinar e aprender filosofia com os elementos da Cultura Digital: o que dizem as pesquisas?

Em consonância com o descrito na seção da metodologia, nesta seção são analisadas duas teses e seis dissertações para compreender como os elementos da cultura digital têm sido utilizados no ensino da filosofia.

Na dissertação de Garcia (2017) é apresentada uma proposta pedagógica que faz uso dos discursos e postagens em páginas da rede social Facebook como estratégia metodológica para o Ensino de Filosofia no médio. A abordagem foi possível, pois houve uma interação e mobilização dos estudantes e professores de Filosofia na criação de grupos de discussão e postagens com temas filosóficos.

As discussões e postagens subsidiaram a análise em rede, possibilitando a criação de uma rede dotada de sentido e significado, que gradativamente foi sendo alimentada pelos próprios estudantes. De acordo com o autor, a rede social, se constituiu como uma ferramenta promissora para o ensino de Filosofia, pois foi construída com os estudantes, portanto, contextualizada e coerente com o nível de compreensão deles, sem faltar rigor

científico, ético e político. “Uma proposta metodológica que caminha entre o real e o virtual, entre o espaço e o ciberespaço” (Garcia, 2017, p. 7).

A pesquisa intitulada "O Ensino de Filosofia na Cultura Digital: Diálogos e Interfaces" do autor Renildo Silva Gomes (2020), explora a relação entre o ensino de Filosofia e a cultura digital, oferecendo diálogos e interfaces para uma prática de ensino mais efetiva e engajadora. O autor discute como a tecnologia pode ser utilizada para criar novas formas de aprendizado em Filosofia, com o uso de plataformas digitais, jogos educativos e redes sociais. Além disso, ele também aborda questões éticas e políticas relacionadas ao uso da tecnologia no ensino de Filosofia, bem como a importância do desenvolvimento de habilidades digitais para os estudantes. Além disso, o autor destaca a importância do uso da tecnologia para conectar os estudantes com outras pessoas e culturas, permitindo que eles possam compartilhar ideias e perspectivas diferentes.

O autor oferece algumas recomendações e princípios para o ensino de Filosofia na cultura digital, como: 1. Utilizar as tecnologias digitais para criar ambientes virtuais de aprendizagem que sejam mais interativos e colaborativos; 2. Incentivar a participação ativa dos alunos no processo de aprendizado, por meio de jogos educativos, fóruns online e outras ferramentas; 3. Conectar os alunos com outras pessoas e culturas, permitindo que eles possam compartilhar ideias e perspectivas diferentes; 4. Desenvolver habilidades digitais nos estudantes, para que eles possam utilizar as tecnologias de forma crítica e reflexiva; 5. Abordar questões éticas e políticas relacionadas ao uso da tecnologia no ensino de filosofia (Gomes, 2020).

A tese da autora Moraes (2018) teve como objetivo compreender as possibilidades e os desafios de Ler e Escrever em Filosofia (LEF) no Ensino Médio em tempos de tecnologias digitais. Entre outros recursos digitais, foram usados o *google docs* e a rede social facebook para analisar se esses contribuem para o desenvolvimento das habilidades LEF nos estudantes. A autora conclui que as TDIC contribuem, mas, são insuficientes para tal propósito, pois os estudantes demandam do apoio dos professores e orientações no uso das TDIC, “para utilizá-las de maneira adequada de forma que de fato, possam aprender LEF de modo qualificado e significativo” (Moraes, 2018, p. 6).

Com o propósito de “compreender, experimentar e propor uma metodologia intencional e especificamente planejada para a apropriação do conhecimento histórico por alunos de ensino médio, fundamentada em Atividades de Estudo, mediadas por TDIC”, na tese da autora Oliveira (2020) é apresentado um estudo exaustivo com inserção de

diferentes recursos digitais na prática pedagógica. No estudo, entre outros objetivos, a autora faz uma análise para saber se e como as intervenções dos professores e interações entre professor e estudantes, mediados pelas TDIC, colaboram para o conhecimento histórico à formação dos estudantes do ensino médio como seres humanos. Os resultados são apresentados em dois eixos “1- A formação do pensamento histórico e científico de estudantes de ensino médio desenvolvida [...]; 2 - TDIC “como instrumentos socioculturais de apropriação do conhecimento histórico e de desenvolvimento do homem” (Oliveira, 2020, p. 9).

Há ainda, pesquisa, que investiga as contribuições da fotografia como mediadora na construção e apropriação de saberes filosóficos no Ensino Médio (Nogueira, 2018). O pressuposto da autora foi que a fotografia digital “contribui como mediadora na construção e apropriação de saberes filosóficos”, mas isso só ocorre “quando valoriza a representação imagética e exercita no aluno outras formas de comunicação e expressão, baseada na dinâmica da diversidade tecnológica informacional com a necessidade de se produzir e criar novas formas de conhecimento no processo educacional”. Por fim, os resultados evidenciam que as fotografias digitais “não são meramente ilustrativas, mas integram o contexto das reflexões dos alunos, suas percepções de mundo e cotidiano, ao apresentarem saberes filosóficos e sua interdisciplinaridade.” (Nogueira, 2018, p. 8).

Na dissertação da autora Claudiana Maria da Costa (2022) é feita uma discussão da mediação das TDIC no desenvolvimento da autonomia dos estudantes do ensino médio a partir do pensamento de Dewey. Os resultados, são dinamizados por meio do projeto que culminou na “produção de uma série de Podcast Reforço de Filosofia referentes aos temas trabalhados em aula”, cuja veiculação ocorreu por meio das TIC (espaços comunitários como as rádios FM locais) e TDIC (plataformas de divulgação). A intenção da proposta consistiu em “democratizar o acesso ao conteúdo, integrar alunos e professores, contribuir para a autonomia do educando bem como a consolidação do entendimento sobre os conteúdos trabalhados” (Costa, 2022, p. 8).

A dissertação de Miguel Iachitzki (2021, p. 6) investiga, com base em filósofos Gilles Lipovetsky e de Byung-Chul Han, as influências das TIC de massa na formação cultural na sociedade contemporânea, calcada em uma economia globalizada neoliberal, que tem como premissas: “produtividade, consumo, instantaneidade e excessos de informação, condição, sobre a qual, não se pode ignorar a eficaz influência das mídias no comportamento das pessoas”. Na análise há uma preocupação em desenvolver reflexões

sobre as influências deste meio social na formação dos jovens e assim, “compreender os desafios que a escola tem enquanto instituição formadora dos novos indivíduos”. Essa compreensão culminou na apresentação de uma proposta de ensino de Filosofia no contexto da educação para as mídias digitais.

E por fim, a dissertação da autora Priscila Sisto Dalmarco (2015) fez uso do blog com o objetivo de conhecer e utilizar as TIC e suas ferramentas digitais no ensino de Filosofia. A autora enfatiza a necessidade do professor conhecer e saber usar com intencionalidade pedagógica os recursos provenientes da Cultura Digital. Na pesquisa, o blog se constitui como um recurso oportuno e que pode ser articulado às práticas, pois levam à integração do conteúdo programado em sala de aula.

Com base na análise das pesquisas acima descritas (teses e dissertações) observou-se que há uma série de TDIC que podem ser usadas pelo professor de Filosofia para trabalhar diferentes temáticas com os estudantes do ensino médio. De acordo com os autores, todos os recursos digitais adotados nas práticas pedagógicas, contribuem para o ensino de Filosofia. A depender do recurso utilizado (filmes, vídeos, redes sociais, plataformas interativas, podcast, entre outros), eles permitem: (i) ilustrar conceitos e teoria filosóficas de modo mais concretos; (ii) estimular a reflexão filosófica e crítica; (iii) desenvolver habilidades críticas; (iv) estimular o debate e diálogo; (v) compartilhar ideias e opiniões sobre temas filosóficos; (vi) democratizar o acesso a conteúdos filosóficos ilustrativos, representativos e interativos; (vii) oferecer perspectivas diversas de acordo com o contexto e intencionalidades pedagógicas.

Considerações finais

A maior proposta da filosofia sempre será a de levantar indagações. Nos limites desta reflexão, questionamos: Quais contribuições são possíveis e necessárias para se avançar nos difíceis desafios de ensinar Filosofia para adolescentes do Ensino Médio? A utilização de diferentes recursos digitais pode servir como estímulo para a reflexão filosófica e para a aprendizagem? Tais questionamentos estão circunscritos, dentre outras problemáticas inerentes, na dificuldade hodierna de se construir conhecimento formal com sentido e significado diante de um currículo engessado e de práticas pedagógicas difíceis de serem ultrapassadas. Posto desta forma, percebe-se que, a reflexão que ora propomos ultrapassa as fronteiras apenas da disciplina de Filosofia. Este desafio percorre, em nossos dias, todas as áreas do conhecimento. Cobra-se, cada vez mais, de nossos professores, em todos os

níveis da formação estudantil, metodologias ativas e novas estratégias para intercambiar conhecimentos e saberes.

Diante deste enfrentamento, nosso trabalho visou apresentar a Filosofia não somente como um componente curricular específico e obrigatório de uma dada etapa de ensino, mas também como um instrumento com grande função questionadora e reflexiva sobre a própria educação.

O texto exposto se fundamentou nesta prerrogativa e na tentativa de aproximar a realidade cotidiana dos estudantes com o mundo da Filosofia. Pelos resultados alcançados e apresentados no artigo, percebe-se que essa possibilidade é premente e provocativa, necessitando, para tanto, que a reflexão filosófica não fique presa ao currículo, mas seja apresentada aos estudantes mais como uma companheira cotidiana instigadora e menos como um componente curricular obrigatório e enfadonho, o que pode ser facilitado com o uso dos elementos da Cultura Digital.

Por fim, quanto à indagação inicial: quais são os elementos da cultura digital que contribuem para a reflexão e criticidade dos estudantes no ensino da Filosofia no Ensino Médio? Observou-se, com base nas pesquisas, que os recursos digitais são potencializados para engajar os estudantes do ensino médio e promover reflexão crítica na disciplina de Filosofia. Mas, o professor é quem tem a função articuladora para mobilizar os estudantes à reflexão e criticidade, independente do recurso que está adotando.

Referências

AZEVEDO, Nadja de; OLIVEIRA, Deivide Garcia da Silva; QUEIROZ, Lília; SOARES, Thaís. Sobre o lugar da filosofia no ensino médio e na educação científica. # *Tear*: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, Canoas, v. 9, n. 2, a4355, 2020.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 1.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

BRASIL. *Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008*. Altera o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Brasília: Presidência da República, 2008.

- BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução nº 2, de 22 de dezembro de 2017*. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Brasília: MEC, 2017.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- CHARLOT. Bernard. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. *Revista da FAEEBA*, Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, jul./dez. 2008.
- COSTA, Claudiana Maria da. *O ensino da filosofia e o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação: um estudo com alunos do ensino médio sobre o desenvolvimento da autonomia a partir do pensamento de Dewey*. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) - Fundação Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2022.
- DALMARCO, Priscilla Sisto. *A realidade pedagógica analógica: o uso de blog nas aulas de filosofia*. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- GARCIA, Thiago Jandre. *Filosofia em Rede: experiência de formação com juventudes no facebook*. 2017. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ensino) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2017.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GOMES, Renildo Silva. *O ensino de Filosofia na cultura digital: diálogos e interfaces*. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.
- IACHITZKI, Miguel. *Construindo práticas de Ensino de Filosofia: as mídias digitais e a formação integral do jovem do Ensino Médio*. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) -Universidade Estadual do Paraná, Curitiba, 2021.
- LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Tradução Luiz Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000. 212 p.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. 2. ed. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 3. ed. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.
- LIMA, Michelle Fernandes; ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak; PINHEIRO, Luciana Ribeiro. *A função do currículo no contexto escolar*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas; 2003.

MORAES, Simone Becher Araujo. *Ler e escrever em filosofia no ensino médio em tempos de tecnologias digitais*. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, 2018.

MOURA FILHO, Caio Leone Almeida. Filosofia e ensino: questões e desafios para o professor de filosofia no ensino médio. *Revista Ideação*, Feira de Santana, p. 133- 144, 2018. Edição especial.

NOGUEIRA, Adeilton Santana. *A Fotografia digital na mediação de saberes da disciplina de filosofia no ensino médio: uma pesquisa intervenção*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Tiradentes, Aracaju, 2018.

OLIVEIRA, Monica do Carmo Apolinario de. *Apropriação do conhecimento histórico fundamentada em atividades de estudo, mediada por tecnologias digitais de informação e comunicação*. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2020.

ROZIN, Eliane Maria. Os desafios da filosofia no ensino médio. *Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação*, Penedo, n. 17, p. 153-163, 2017.

SERRES, Michel. *A Incerteza*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SOUSA, Kairon Pereira de Araújo. A filosofia no ensino médio: alguns desafios. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 17, n. 195, p. 70-81, 2017.

Recebido em: 12 de maio de 2023

Aceite em: 07 de julho de 2023